



EDITORIAL

EUROPA: UMA UNIÃO A CONSTRUIR

Em pleno século XIX, no Congresso Internacional da Paz de 1849, realizado em Paris, Victor Hugo (1802-1885) afirmava: “Um dia virá em que a França, a Rússia, a Itália, a Inglaterra, a Alemanha, todas vós, nações do continente, sem perder as vossas qualidades distintas e a vossa gloriosa individualidade, unir-vos-eis profundamente numa unidade superior e constituireis a fraternidade europeia, exactamente como a Normandia, a Bretanha, a Borgonha, a Lorena, a Alsácia, todas as nossas províncias se fundiram na França.”

Recordo sempre este discurso de Victor Hugo quando ouço ou leio, e isso acontece amiudadamente, certas vezes que, não sendo talvez descrentes, conduzem à descrença na União Europeia (UE). Na UE, há que começar tudo de novo, iniciar uma nova génese; alguns identificam a UE como zona de comércio livre e pouco mais; outros enumeram as suas crises do tempo actual, seis ou sete, no mínimo; há, ainda, quem ponha em dúvida a sua existência ou a descreva enquanto arremedo de união.

Certo, num mundo que enfrenta uma ‘nova desordem mundial’ (título de Tzvetan Todorov), uma Europa que não se encontrasse à deriva (‘Uma Europa à Deriva’ é o título de uma das obras de Slavoj Žižek) seria um benefício para o mundo e um factor determinante para o prestígio da UE. Não se pode exigir à UE que dê o que ela não tem. E o que ela não tem e devia ter está identificado. Todorov (2006, pp. 71-77), por exemplo, procedeu a essa identificação num conjunto de propostas, das quais destaco as propostas de uma força militar autónoma e a de um presidente. Isso não faria da Europa o oásis do deserto nem o paraíso na Terra, mas poderia vir dela uma resposta de ordem à desordem, capaz de estancar os perigos e o caos.

Por tudo isto, voltar a Victor Hugo dá-me algum alento. Porque já nessa época a Europa era compreendida na sua diversidade. O modelo de coabitação entre as regiões francesas e a França era o modelo que Victor Hugo propunha à Europa. Pode ser-se europeu e português ou europeu e alemão.

Este pensamento é um pensamento contra a descrença na UE. Mas é também uma resposta aos que defendem as suas fronteiras, como se de trincheiras se tratasse, aos que pugnam pelo que é nacional acima de tudo, como se o nacional e o europeu fossem inconciliáveis. E é uma resposta oportuna, face aos pugnazes nacionalismos que surgem um pouco por toda a parte. O caminho está apontado, compete ao projecto europeu provar que é possível. Nesse sentido, e já bem perto de nós, em 2013, apontava Vasco Graça Moura (2013, p. 83): “A unidade europeia só poderá ter êxito se conseguirmos realizá-la no quadro da diversidade cultural e linguística, valorizando devidamente o que é próprio da dimensão cultural europeia: as suas raízes comuns, o imenso tecido que se formou ao longo dos séculos em todas as áreas da cultura e cujas malhas se espelham e se respondem de modo caleidoscópico no espaço e no tempo.”

Mas existe um outro pensamento que vou buscar à literatura alemã, cujo alento que daí me advém não é menor do que aquele que acabo de mencionar. Referirei apenas Klaus Mann, filho de Thomas Mann, prémio Nobel da Literatura em 1929, ambos heróicos lutadores contra Hitler e o fascismo alemão. Klaus Mann (2017, p. 13), numa carta datada de 1930, escrita alguns meses após as eleições legislativas desse mesmo ano, que deram ao partido nazi (NSDAP) cerca de seis milhões de votos e cento e sete lugares no Reichstag, dizia a Stefan Zweig (1881-1942), escritor fugido do nazismo de 1935 até ao ano da sua morte: “O Senhor lamenta a lentidão, o passo de caracol a que a política europeia evolui, e nós deploramo-la tanto como o Senhor. Quero ser uma das ‘pessoas honestas’ que partilham consigo a decepção de ver que nos enganam em todas as sessões da Sociedade das Nações, ao adiar o desarmamento que nós reclamamos com toda a energia. A única questão é saber se os indivíduos que dirigem o coro deste pseudonacionalismo pseudo-social estão tão desiludidos como nós. O que é que os poderia decepcionar? Aspiram a uma Europa pacífica, unida e regida pelo espírito? O que eles querem é exactamente o contrário.”

As palavras de Klaus Mann, 'uma Europa pacífica, unida e regida pelo espírito' são uma resposta a uma 'Europa à Deriva' e não são contraditórias com a proposta de Todorov de uma força militar autónoma para a Europa. Uma força militar pode manter a paz em vez de fazer a guerra, sobretudo numa Europa que preza os seus valores identitários, ou, nas palavras de Klaus Mann, numa Europa que é 'regida pelo espírito'.

É este um pensamento no qual está bem viva a maior tragédia europeia do século XX. E não são poucas as vozes que, na actualidade, nos alertam para a vigilância. Porque, como diz Rob Riemen (2012, p. 49), "foi nessa sociedade (europeia) impregnada de ressentimento que o medo da liberdade e a resistência a qualquer diferença foram cultivados e estão de novo a ser cultivados."

A União Europeia, apesar dos avanços e recuos que se conhecem, continua sendo um projecto em construção. Os dois pensamentos aqui enunciados não devem ser considerados mais do que a afirmação humilde, mas activa, da identidade de europeu do seu autor.

Carlos Castilho Pais

Professor - Universidade Aberta

BIBLIOGRAFIA

HUGO, V., 1849. "Discurso no Congresso Internacional da Paz de 1849", cf. Aula Aberta 'Europa, Presente e Futuro', Universidade Aberta. Disponível em: <http://moocs.uab.pt/mimooc/course/view.php?id=15§ion=1>

MANN, K., 2017. *Contra a Barbárie*. Lisboa: Gradiva.

MOURA, V. G., 2013. *A Identidade Cultural Europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

RIEMEN, B., 2012. *O Eterno Retorno do Fascismo*. Lisboa: Editorial Bizâncio.

TODOROV, T., 2006. *A Nova Desordem Mundial*. Porto: Edições Asa.

ZIZEK, S., 2016. *A Europa à Deriva*. Lisboa: Objectiva.